

## MULHERES CIS LÉSBICAS E SUAS VIVÊNCIAS DO ESPAÇO DA CASA, EM CÁCERES – MT: ENTRE O CÉU E O INFERNO

Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia <sup>1</sup>

Higor Lopes de Andrade <sup>2</sup>

Joseli Maria da Silva <sup>3</sup>

Evaldo Ferreira <sup>4</sup>

### RESUMO

Este trabalho é o projeto final de dissertação, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Geografia, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e tem como objetivo geral compreender como as mulheres cis lésbicas vivenciam o espaço da casa, em Cáceres-MT, na sociedade contemporânea e, por objetivos específicos, investigar como essas mulheres representam suas trajetórias de identificação sexual; analisar de que forma o espaço compõe as trajetórias de identificação das sexualidades lésbicas em Cáceres – MT; e entender como a casa é significada de múltiplas formas pelos diferentes grupos de mulheres cis lésbicas. Enquanto metodologia, optou-se por aplicar duas etapas para a coleta de dados, sendo um questionário criado a partir do Google Forms, tendo como técnica de amostragem o Snowball; e uma entrevista, que será realizada online por meio das plataformas de reunião que o entrevistado preferir, seguindo com perguntas semiestruturadas. Espera-se com esta pesquisa construir a visibilidade das experiências espaciais das mulheres cis lésbicas, evidenciando as suas geografias específicas para que elas sejam contempladas na ciência geográfica; evidenciar que o espaço não é um produto dado e acabado, mas produzido de forma diferencial por diferentes grupos sociais; e, por fim, criar a visibilidade da escala da casa como importante para os estudos geográficos, já que a mesma constitui uma espacialidade importante da existência humana.

**Palavras-chave:** Geografias feministas, espaço, casa.

### RESUMEN

Este trabajo es el proyecto final de disertación, vinculado al Programa de Posgrado en Geografía de la Universidad del Estado de Mato Grosso y tiene como objetivo general comprender cómo las mujeres cis lesbianas experimentan el espacio del hogar en Cáceres-MT, en la sociedad contemporánea. Además, tiene como objetivos específicos investigar cómo las mujeres lesbianas cis representan sus trayectorias de identificación sexual, analizar de qué manera el espacio contribuye a las trayectorias de identificación de las sexualidades lesbianas en Cáceres-MT y comprender cómo el hogar adquiere múltiples significados para diferentes grupos de mujeres cis lesbianas. En cuanto a la metodología, se optó por aplicar dos etapas para la recolección de datos. La primera consiste en un cuestionario creado a través de Google Forms, utilizando la técnica de muestreo Snowball. La segunda etapa implica una entrevista

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, [tamires.cristina@unemat.br](mailto:tamires.cristina@unemat.br);

<sup>2</sup> Mestrando pelo Curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, [andrada.higor@unemat.br](mailto:andrada.higor@unemat.br);

<sup>3</sup> Professora orientadora: doutora, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, [joseli.genero@gmail.com](mailto:joseli.genero@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: doutor, Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, [evaldoferreira@unemat.br](mailto:evaldoferreira@unemat.br).

que se levará a cabo en línea a través de las plataformas de reunión preferidas por los entrevistados, utilizando preguntas semiestructuradas. Se espera que esta investigación contribuya a visibilizar las experiencias espaciales de las mujeres lesbianas cis, destacando sus geografías específicas para que sean consideradas en la ciencia geográfica. Además, se busca resaltar que el espacio no es un producto dado y acabado, sino que se produce de manera diferencial por diversos grupos sociales. Por último, se pretende crear visibilidad en la escala del hogar como un elemento importante para los estudios geográficos, ya que el hogar constituye una espacialidad fundamental en la existencia humana.

**Palabras clave:** Geografías feministas, Espacio, Casa.

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo geral compreender como as mulheres cis lésbicas vivenciam o espaço da casa, em Cáceres-MT, na sociedade contemporânea. A casa é aqui considerada como uma escala geográfica que pode ser configurada como um espaço específico que se compõe dentro da sociedade brasileira. Ela pode ser tanto uma escala homofóbica, portanto em consonância com a característica geral do Brasil, como pode ser uma escala espacial de conforto, proteção e empoderamento.

Neste contexto, consideramos que não existe uma possibilidade de compreender a casa em um sentido único, mas plural. A existência espacial de sujeitos não pode ser resumida à vivência dos grupos dominantes como pensado, às vezes, também pela Geografia, construída a partir dos homens brancos, cis, heterossexuais, de classe social alta ou média. Há possibilidades de explorar esta escala a partir de experiências múltiplas, como é o caso da vivência de mulheres cisgêneras lésbicas.

A casa é uma escala esquecida pela Geografia Brasileira por ser compreendida como um espaço de menor importância, sendo considerada de ordem privada. Entretanto, a pandemia do Coronavírus (Covid -19) trouxe elementos ainda não pensados pela Geografia que passaram a desafiar o mundo científico. O processo de confinamento experimentado pela sociedade brasileira trouxe uma série de relações entre várias escalas ainda pouco exploradas, mas que se mostraram bastante complexas.

O sentido de casa que este trabalho aborda é um espaço de relações complexas que envolve poderes, afetos e disputas, que são constitutivas de várias outras escalas, mas que, no local específico, que é considerado “privado”, traz especificidades a serem exploradas. É importante marcar aqui que a casa não é apenas uma forma material, mas um espaço relacional que coloca pessoas em interação que possuem diferentes posições de poder, conforme argumenta a geógrafa Doreen Massey (2008), que compreende o espaço como algo que está sempre em construção. Partindo deste pressuposto, há uma multiplicidade de inter-relações que

são constituídas de várias interações, logo, está baseada na existência da pluralidade, na qual distintas trajetórias coexistem.

Portanto, a justificativa social fundamental para esta pesquisa é mostrar outras faces da violência que não são publicizadas e que a família e a casa não são espaços de acolhimento para todas as pessoas. Do ponto de vista científico no campo da Geografia Brasileira é que há uma lacuna existente que precisa ser preenchida, e a casa, bem como tudo que se refere ao espaço privado, é negligenciada enquanto ferramenta de produção geográfica. A cidade de Cáceres - MT dentro desta pesquisa serve como área referência para buscar pessoas que se autoidentificam como mulheres cis lésbicas a fim de compartilharem suas experiências espaciais em suas trajetórias de vida.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa para realização, sistematização e a análise dos dados coletados em campo, em consonância com o referencial teórico da pesquisa, será de forma qualitativa (Gil, 2008). Para analisar os futuros resultados acerca da problematização, o trabalho será de caráter analítico e descritivo. Para Gil (2008, p. 42), a pesquisa descritiva “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Será realizado também, a fim de teorizar os conceitos e atender os objetivos propostos de forma mais aprofundada, uma revisão bibliográfica, logo, se fez necessário buscar livros, artigos impressos e/ou materiais digitais de teóricos sobre as temáticas de interesse. Temos como temáticas norteadoras das pesquisas: Espaço Geográfico, Casa, Gênero e Sexualidade.

Para conseguir investigar como as mulheres cis lésbicas representam sua identificação sexual, analisar-se-á de que forma o espaço compõe as trajetórias de identidade das sexualidades lésbicas e buscar entender como a casa é significada de múltiplas formas pelos diferentes grupos de mulheres cis lésbicas.

A cidade de Cáceres, no estado de Mato Grosso, é a área referência para buscar pessoas que se autoidentificam como mulheres cis lésbicas a compartilharem suas experiências espaciais em suas trajetórias de vida. Para tanto, optou-se por aplicar dois métodos para a coleta de dados, sendo eles um questionário criado a partir do Google Forms e uma entrevista, que será realizada remotamente por meio das plataformas de reunião que o entrevistado preferir ou que tenha maior familiaridade no uso. A opção pelo uso de plataformas online possibilita

discussão na realização da pesquisa, tendo em vista que a entrevistada não precisará abrir a sua câmera, caso não queira ser identificada.

Logo esse processo será dividido em duas partes, sendo o primeiro momento a aplicação do questionário para levantar os dados iniciais da pesquisa e dos participantes. Esse questionário será dividido em seções, com a finalidade de deixar todas as informações organizadas para melhor entendimento da participante.

Na primeira seção do questionário encontrar-se-á informações como o tema, os objetivos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a devida aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), onde serão elencados os riscos e benefícios de participar da entrevista. Após essa pequena introdução inicial à pesquisa, a participante deverá responder se aceita ou não participar da mesma; caso a resposta seja negativa a pessoa será encaminhada para o final do formulário e não precisará responder nenhuma das questões colocadas. Em havendo o aceite de participação, serão abertas, no Google Forms, as questões relacionadas à pesquisa. Enquanto metodologia de análise de dados, todas as informações geradas pelos questionários poderão ser transformadas em gráficos, tabelas e mapas, havendo também uma seleção com as informações disponíveis para retirar os dados que não se encaixam nos objetivos propostos. Logo após isso seguiremos para a segunda etapa que é a realização de entrevistas.

Nas entrevistas, todas as gravações realizadas passarão pelo processo de transcrição em arquivo Word para uma análise mais apurada, seguindo para a seleção de respostas, onde serão filtradas aquelas que vão de acordo com os objetivos da pesquisa. Para a identificação das entrevistadas os nomes dos participantes serão modificados para nomes fantasias, que no caso deste artigo utilizaremos nomes de estrelas.

Com os dados prontos, será realizada a construção da dissertação, que após defendida será publicada em revistas (nos quatro primeiros estratos Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes), e-books e/ou livros.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

O espaço é um conceito múltiplo, com diversas facetas e muito complexo, cujas definições têm sido um objeto de longa reflexão perante pesquisadoras e pesquisadores ligados à Ciência Geográfica. A geógrafa Doreen Massey (2008) nos fornece reflexões sobre o conceito de espaço, trazendo o mesmo especificamente como espaço relacional, contrariando o

pensamento fixo, homogêneo ocidental e enfatizando a importância das relações sociais construídas a partir do espaço.

Para Massey (2008, p. 30), o “[...] espaço não existe antes de identidade/entidades e de suas relações; De um modo mais geral, [...] identidades/entidades, as relações ‘entre’ elas e a espacialidade que delas faz parte são todas co-constitutivas”. Desse modo, a teórica vislumbra o espaço como um produto de inter-relações sociais, políticas e econômicas, moldada por diferentes perspectivas e experiências.

Anteriormente a esse pensamento, o geógrafo Milton Santos (2006) também considerava o espaço como uma construção social, ressaltando que esse conceito é resultado das práticas humanas e das relações de poder, interpelando a ideia de espaço como neutro e objetivo, reforçando o pensamento de que o mesmo é moldado e transformado por e a partir das atividades e relações sociais.

Dentro da Ciência Geográfica, o espaço vem sendo hierarquizado a partir da escala, sendo ela uma forma de compartimentação do espaço, servindo para criar diferentes visibilidades de localização de fenômenos específicos, logo “[...] a predominância das escalas espaciais de grandes dimensões está fortemente vinculada à visão falocêntrica da disciplina que despreza os espaços da cotidianidade, considerando-os irrelevantes para a vida social, econômica e política.” (Silva; Ornat, 2021, p. 63). Partindo dessa perspectiva temos a casa como uma escala negligenciada, não estando isolada de outras escalas, mas sim interdependente do espaço do bairro, da cidade e da nação.

Outro estudo frequentemente negligenciado reside naqueles relacionados a gênero e à sexualidade, cuja realização tornou-se viável apenas por meio das geografias feministas. Tal vertente da geografia teve sua ascensão no auge da “segunda onda” do movimento feminista, e ampara-se dentro da escola da Geografia Cultural, tendo como principais discussões o espaço, a cultura, a identidade, o gênero e a sexualidade. De acordo com Ornat (2008, p. 317):

[...] Compreendendo que o gênero possui conectividades transversais com classe, etnia, idade e sexualidade, e que estas se colocam como estruturas dominantes das relações de poder, a metodologia feminista direciona atenção à diversidade, à reflexão crítica dos sujeitos investigados e à própria responsabilidade com estas vozes e suas vidas [...].

Tais estudos foram necessários para quebrar as amarras da hegemonia heterossexual predominante na cultura ocidental que não se restringe exclusivamente aos espaços privados; ao contrário, representa um processo de relações de poder que acaba fortalecendo as representações de masculinidades e feminilidades, exercendo influência predominante por



meio diversos contextos cotidianos. Conforme discorre a geógrafa Gill Valentine (1993, p. 396), concordando com os pensamentos de Butler (2003):

[...] a heterossexualidade também está ligada à noção de identidade de gênero, ou seja, às crenças e significados compartilhados atribuídos ao que significa ser homem ou mulher (masculinidade e feminilidade). Isto ocorre porque a noção de relações de sexo oposto pressupõe, em primeiro lugar, que existe uma distinção binária entre ser homem e ser mulher e, em segundo lugar, que estas identidades de gênero binárias (masculinidade e feminilidade) se mapeiam nitidamente em corpos sexuados binários (homem-mulher). [...] A masculinidade e a feminilidade “normais” são definidas em relação uma à outra, de modo que a construção e a reprodução de identidades de gênero criam e perpetuam a superioridade masculina, ou patriarcado. (tradução nossa).

Quando se fala de gênero a gramática o compreende como “uma forma de classificar fenômenos” (Scott, 1990), baseando-se na construção de papéis normativos de gênero, retratado através do que seria o papel do homem e o papel da mulher. Partindo desse entendimento Joan Scott, umas das teóricas mais importantes sobre a temática no meio acadêmico discorre que:

[...] o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (1990, p. 75).

Entretanto, ainda que erroneamente, muitos utilizam o termo “gênero” para retratar o sexo biológico, sendo correspondente por macho e a fêmea – homem e mulher, masculino e feminino – como o único existente e socialmente aceito. Porém, entende-se, a partir da afirmação de Scott (1990), que o gênero é uma construção social, podendo cada sujeito se construir a partir de suas vivências de diferentes formas, fazendo-se necessário também levar em consideração sua sexualidade, sua classe social e sua raça, entretanto ainda erroneamente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Pesquisas evidenciando a oposição entre homens e mulheres são comuns desde a incorporação dos estudos de gênero no meio acadêmico, campo muito relevante para estudiosas e estudiosos das Ciências Humanas e Sociais, servindo especialmente para escancarar as diferenças radicais impostas pelo patriarcado. Segundo Saffioti (2015, p. 57), o patriarcado não refere-se necessariamente apenas no âmbito do espaço público, mesmo esse também sendo afetado “as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o

Estado, logo, espaços públicos e privados são profundamente ligados e parcialmente mesclados.

Dentro dos estudos voltados para o patriarcado, busca-se termos opostos para analisar as relações de gênero, como por exemplo, casa *versus* mundo exterior, privado *versus* público, produtivo *versus* reprodutivo, entre muitos outros. O espaço da casa é pouco estudado pois está dentro do espaço privado, e conforme afirma Silva e Ornat (2021, p. 61),

[...] o espaço privado é performado pela carga cultural de gênero e sexo interiorizada corporalmente de uma forma naturalizada e menos regulada pelas ordens da esfera pública, onde mulheres e homens são sujeitos de direitos e deveres iguais, pelo menos formalmente na maioria dos países ocidentais modernos.

Com isso, a casa se torna, dentro deste pensamento, uma escala considerada intocável, logo, não se tem muitos estudos dentro da Geografia sobre esse tema. Entretanto, quando discutimos as relações de gênero e de sexualidade e partimos para os questionamentos de espaço, escalas espaciais e produção ou reprodução de preconceitos e violências, há sim a necessidade de estudos e indagações.

O patriarcado, bem como a casa são lócus do domínio masculino, sendo um produto que expressa constantes relações de poder, influenciando o trabalho e a vidas das mulheres, a partir de uma normatização de comportamento profundamente enraizada, fazendo parte do contrato social imposto pela nossa sociedade, operando muitas vezes para que mulheres mantenham-se mesmo contra sua vontade confinadas dentro de suas próprias casas, excluídas e invisibilizadas. A partir desse contrato social, há também o contrato sexual, normatizando os comportamentos que devem ser seguidos dentro desses ambientes privados, visando a subalternização das mulheres (Dalla Vecchia; Andrade, 2019).

Como afirma González (2005, p. 194), dentro do patriarcado “passamos a considerar a casa como espaço natural da mulher para compreendê-lo como lugar de sofrimento e alienação” (tradução nossa), afinal, é dentro dessas casas que ocorre a maioria das violências sofridas por mulheres, seja sexual, física ou psicológica. É a partir desses modelos de organizações sociais que se naturaliza o processo de sujeição, fazendo com que essas normas do padrão hegemônicos sejam repetidas através de gerações, principalmente em “famílias mononucleares de conjugalidades heterossexuais monogâmicas e os espaços domésticos” (Silva; Ornat, 2021, p. 64).

O espaço da casa através desse modelo de organização familiar heteronormativo, juntamente com o discurso hegemônico que acaba contribuindo mais ainda para uma consolidação dessas normas, entretanto ignora-se a existência de outros sujeitos, com variadas identidades sexuais, podendo tornar esses espaços inóspitos a esses sujeito, afinal não vão de

acordo com as relações de poder consideradas ideais ao espaço doméstico/privado (Silva; Ornat, 2021).

Conforme contribuem Silva e Ornat (2021) o espaço da casa pode possuir diversas significações, principalmente se os sujeitos não estiverem de acordo com as normas cisheteronormativas, conforme exposto nos parágrafos anteriores. Quando falamos de mulheres cisgêneras e lésbicas esse espaço pode ser visto tanto como um lugar de refúgio, seguro e acolhedor, como um espaço de conflito e tensão.

A casa para as mulheres lésbicas pode representar um espaço de liberdade e privacidade, onde estas sentem segurança para expressar sua sexualidade e sua identidade de gênero. Um espaço onde podem criar relacionamentos íntimos e duradouros, com parceiras e amigos que lhe inspiram através de suas vivências e lutas. Quando essas mulheres ainda vivenciam a casa de suas famílias e têm suas identidades e sexualidade respeitadas, o sentimento de segurança, amor, carinho e sensação de liberdade é maior, como pode se observado em um relato retirado da coleta de dados dessa pesquisa, quando se é perguntado qual é o sentimento que a mesma tem quando está dentro de sua casa:

[...] Primeira coisa é sentimento de proteção, se sentir bem, ter a possibilidade de falar e demonstrar o que você sente, é o meu primeiro sentimento é a proteção, eu sei que tem muitas pessoas que não se sentem assim, mas eu me sinto bem na minha casa. [...] Com a minha família, com a minha parceira, [...] me sinto acolhida pela minha família, me sinto feliz na minha casa, protegida, eu gostaria que toda mulher lésbica pudesse passar por isso, eu sei que não é fácil e, cara, eu não tenho o que reclamar da minha casa. (Lyra, informação verbal).

Entretanto a realidade para algumas mulheres ainda é bem diferente, tendo a casa como um espaço de opressão e controle, especialmente quando se tem família, amigos ou vizinhos LGBTfóbicos, transformando esses ambientes em espaços extremamente hostis, pois muitas vezes essas mulheres lésbicas não têm acesso a abrigos seguros ou serviços de apoio adequados nas cidades que residem, logo a casa se torna um lugar de isolamento e solidão para essas mulheres que além de enfrentarem o preconceito na sociedade em geral, ainda sofrem dentro das suas casas, por pessoas que, em tese, eram seu porto seguro, até que descobrem sua sexualidade e as formas de relações dentro desse ambiente muda completamente, conforme retratado por Andrômeda:

Foi um processo extremamente doloroso porque foi no dia do meu aniversário de vinte anos. [...] Dois mil e dezesseis, a minha mãe me chamou para conversar e aí eu fui inocente achando que eu seria tipo o presente de aniversário, 'o que é isso que estava no meu celular, que conversa é essa' [...] Qualquer pessoa menos você, não dá coisa do tipo, começou a falar um monte de coisa, tipo pessoas que são gays não prosperam. Como se eu estivesse fadada ao fracasso por ser uma mulher lésbica. [...] A gente ficou um ano sem conversar e eu realmente tinha uma amizade muito boa sabe, uma amizade parceira, [...] a gente só brigava e eu chegava da faculdade, não ficava dentro de casa. Eu ia para o estágio, eu ia para a faculdade, ia para o estágio e ia para o bar,



eu bebia de segunda a segunda, porque eu não queria estar em casa [...]. (Andrômeda, informação verbal).

A partir da descoberta de sua sexualidade por sua mãe, podemos vislumbrar as consequências negativas que essa revelação teve na convivência da entrevistada com sua genitora, discorrendo um processo de aceitação difícil e doloroso através da reação familiar por causa do preconceito e da incompreensão. Com isso, reconhecemos a casa como um espaço multiescalar, coexistindo através das inter-relações que podem se desenvolver através da intimidade, das emoções, do contato físico e do cuidado ou da falta de todos esses itens, tornando então o ambiente acolhedor ou opressor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As violências sofridas pelas comunidades que não atendem um padrão cisheteronormativo é estrutural, logo nossa sociedade exige padrões relacionais, identitários, sexistas e heteronormativos, que acabam por acarretar problemas pessoais, sociais e políticos (Reis et. al., 2018). Tais violências podem ocorrer dentro da própria casa do sujeito. Entretanto, a violência que aparece na sociedade em geral, que ganha as mídias, são as violências publicizadas do espaço público.

Todavia, há várias formas de sofrer violência que são invisibilizadas pela proteção da ideia do que é privado, como, por exemplo, pais ou responsáveis por crianças e adolescentes, usando formas absurdas e muitas vezes baseadas em religião para “ensinar” aos filhos, que homens só podem ficar com mulheres, que homens não podem chorar, que homens não fazem serviços domésticos, assim como para mulheres, que podem apenas se relacionar com homens, não podem sair de casa sozinha, tem que fazer os serviços domésticos, e quem foge desse padrão é reprimido.

Diante de tudo que foi exposto, pretende-se construir a visibilidade das experiências espaciais das mulheres cis lésbicas, evidenciando as suas geografias específicas para que elas sejam contempladas na ciência geográfica. Outra expectativa gerada com a pesquisa é evidenciar que o espaço não é um produto dado e acabado, mas ele é produzido de forma diferencial por diferentes grupos sociais. E, com isso, espera-se, por fim, criar a visibilidade da escala da casa como importante para os estudos geográficos, já que a casa constitui uma espacialidade importante da existência humana.

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DALLA VECCHIA, T. C. S; ANDRADE, H. L. Divisões Sexuais do Trabalho: Um estudo nas perspectivas de gênero. XI Semana De Estudos Étnico-Raciais: "Educação Sob Múltiplos Olhares", 2019, Cáceres/MT, Brasil. **Anais [...]**. Disponível em: <http://siec.unemat.br/anais2/seer/?page=resumo&y=MA==&r=OTcw&i=NzExMQ==&p=L0FycXVpdm9zL2NvcnJpZ2lk3MvMTQyMi03MTExLnBkZg==&v=MA==&d=SQ==&cache=1701109429>. Acesso em: 27 de nov. 2023.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZÁLEZ, B. M. **Topophilia and Topophobia**. Space and culture, v. 8, n. 2, 2005.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- ORNAT, M. J. Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista. In: **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 2, 2008.
- REIS, T. et. al. **Manual de comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.
- SAFFIOTI, H. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, ed. 2. 2015.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, ed. 3, reimpressão, 2006.
- SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2. 1990.
- SILVA, J. M; ORNAT, M. J. Casa, corpo e amor: desafios à imaginação geográfica no Brasil em tempos de pandemia. In: VÁZQUEZ, G. G. H; SILVA, J. M; WOITOWICZ, K. J (org). **Vivências de mulheres no tempo e espaço da pandemia de Covid-19: Perspectivas transnacionais**. Curitiba: Editora CRV, 2021.
- VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. In: **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 11, 1993, 395-413.